

A OUTRA TENDÊNCIA

Ninguém, que eu saiba, se lembrou ainda de tomar a Literatura como uma espécie de geometria onde o desenho do homem tivesse a sua representação em planos formulados numa data e complexa álgebra. E no entanto algumas sistematizações que frequentemente vemos desenvolver, algumas «racionalizações» da ética ou do comportamento psicológico, tendem inconscientemente para o enunciado de teoremas literários em formas tão precisas e reguladas que, cedo ou tarde, acabam por dar à investigação literária o carácter prático duma geometria descritiva, perfeitamente desenvolvida numa lógica directa e imediata de valores.

Sabemos que na diversidade existe uma harmonia e na regra e imponderável; mas não se segue que para o estudo da Literatura, tenhamos que aceitar, quer a posição fatalista dos estetas do Belo e do homem-como-universo-particular, quer as explicações apressadas do primado do social que a todo o passo nos surgem firmadas em interpretações históricas desligadas do tempo e, por isso, abstractas.

No primeiro caso, o fenómeno artístico é um jogo vário e aliador pelo risco que contém, pela «aventura» — como frequentemente dizem estes par-

periência particular de leitura de apurado gosto e sensibilidade.

Se as interpretações idealistas jamais poderão abarcar tão vasto e tão profundo conjunto, também as dos materialistas rotineiros sucumbem a meio caminho, porque estes, por facilidade ou por artificio, eliminam ou

mente a tendência a que me refiro: «existe essa outra atitude dos que julgam o passado e o presente de acordo com os *slogans* superficiais da moda, sem considerarem a verdadeira essência artística da obra em causa (...). Se é nosso objectivo ultrapassar os limites duma estética chamada «pura», não podemos, em substituição dela, aceitar uma mistura eclética de sociologia rotineira com doses irracionais de encantamento por virtuosismos artísticos em si mesmos».

Parece-me que está nisto um problema da maior importância na crise actual da literatura. Faz-se um chamado à coerência do pensamento mas observa-se o perigo dos esquematismos burocráticos. Nada de «*slogans* da moda», nada de facilidades, nada de artificios repousantes de pessoa que se julga certa (por resposta à *inquirição* de bom tom dos poetas ofêlicos) por obra e graça da História-que-runca-pára.

Nada de demagogia, afinal. Porque em matéria de arte ou de política, que é a demagogia senão a facilidade?

O carreirismo, mal do público e do autor

É contra a mais longínqua manifestação demagógica que Lukacs a todo o instante se rebela. Desde a *Alma das Formas* (1911) ao discutidíssimo *Goethe e o seu tempo*, ele tem vindo a construir um sólido edifício que é hoje tido como uma das mais valiosas contribuições do Pensamento europeu para a cultura do nosso século. Não é um herético dentro da sua corrente de pensamento porque nela mesma se contém a evolução que ele desenvolve; nem tão-pouco um heterodoxo da política convergente, porque, pelo contrário, a sua interpretação da Literatura não admite que se parecem valores, que se evitem ou se anulem. É um investigador das novas relações do real; logo da História em face da expressão particular da Literatura.

Num capítulo da sua *Breve História da Literatura Alemã* dedicado à

(Continua na página 22)

Por JOSÉ CARDOSO PIRES

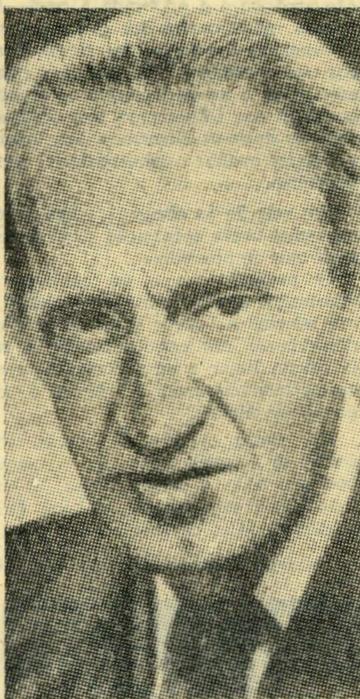
tidários da arte intemporal. No segundo caso, actua-se por contradição, descobrindo e exigindo o funcional no imediato, lançando mão de raciocínios mecanicistas que estão sempre a jeito de quem pretende garantir um corpo de doutrina sem se preocupar com o dia de amanhã. E o dia de amanhã provará cruelmente que tanta ânsia de coerência imediata resulta num enfraquecimento, por tabela, daquilo que, mais se desejava robustecer. A História dá-nos exemplos disso. E por sinal bem tristes.

Os compromissos da demagogia

Enquanto a Estética não atinge ainda a organização duma Ciência, como fatalmente há-de atingir (Georges Lukacs) são compreensíveis as urgências dos especialistas em dar uniformidade à nova interpretação que sucedeu à de Hegel dos problemas da génese literária. Não se trata apenas de unificar toda uma experiência do Pensamento firmada sobre novos critérios; trata-se de *responder* nesta época em que vivemos às conquistas realizadas no campo da arte e da literatura pela valorização dos seus elementos típicos, justificando-os no seu funcionamento artístico e social.

Assim como a Fenomenologia não vive isolada da sua aplicação, assim também a obra literária verdadeira tem um papel de circunstância que a obriga a explicar-se num clima histórico determinado. Todavia, ela é uma unidade desenvolvida por elementos contraditórios que funcionam numa estranha aliança, e são as leis dessa aliança que os estetas do nosso tempo vão laboriosamente descobrindo.

Encontrar a razão do absurdo (e o absurdo existirá? Que dizer de Sá-Carneiro, Gomes Ferreira, ou Alexandre O'Neil?) definir o papel do ocioso na arte, não ignorar por princípio ou por vantagem a contradição aparente dos valores morais e artísticos duma peça de literatura—isso só é possível através dum trabalho de elevada organização intelectual, duma sólida cultura histórica e literária e duma ex-



Georges Lukacs

parcelam a realidade literária. Citanço ainda Lukacs, recordo este passo dos *Estudos Sobre o Realismo Europeu* em que, depois de condenar as estéticas do passado, condena precisa-

A OUTRA TENDÊNCIA

Continuado da pág. 6

época de Guilherme II já Lukacs chama insistentemente a atenção para esse fenómeno de demagogia como incapacidade de reagir adequadamente às solicitações do presente e do futuro (*do futuro*, sublinho) histórico do país. E mais adiante a crítica repete-se a propósito de toda a literatura de combate que se enquadra no plano naturalista.

A lição de Lukacs parece-me, por conseguinte, duma oportunidade que atinge a urgência. É que quando, por exemplo, ouvimos falar de estilo e por *estilo* se pretende dizer pouco mais do que grafismo, ritmo de frase ou circunstância verbal; quando por aí se brada por abaixo o formalismo e se toma como ausência de conteúdo (e porque não ausência de expressão?) sem curar de saber das suas verdadeiras raízes que são outras, mesmo muito outras; quando se fala do abstracto na arte ou na literatura e se traduz por *irracional*; quando se clama por problema e por *problema* se entende a variação sobre um tema de resultado há muito definido; quando assim succede a lição de Lukacs e dos seus antecessores está longe de ter sido compreendida. A literatura explica-se mais facilmente, é certo, mas não passa duma geometria de compasso e transferidor.

Claro que ideias tão simplistas e imprecisas têm o condão de desorientar tanto o público, respeitável a todos os títulos, como o autor, não menos respeitável também. Cria-se o carreirismo, amparado por um sem número de «slogans da moda», de muito fácil manejo, «a distância mais curta entre dois pontos» da geometria da terceira classe adiantada.

E nisto está talvez o mais grave da questão, no carreirismo, na afinação de gostos superficiais que vem a dar naquela demagogia que poderei traduzir por: «o público foi deseducado, o público só gosta de pintura de caixa de bolachas. Viva a pintura de caixa de bolachas!»

De facto. As condições sociais, o triste apagamento em que vêm promover-se a nossa literatura facilitarão fundamentalmente esse tal carreirismo de certo público e de um ou outro escritor. Criou-se a gíria, o calão (e o calão tem as suas explicações históricas bastante definidas, cf. Tzara em *Dialética da Poesia*) e, pior do que isso, um gosto, um *quid* certo e empobrecido.

Ora a verdade é que se me representa milagre do acaso pretender bons escritores sem manter e criar bons leitores. Em qualquer parte, em qualquer meridiano, aquele que lê uma página de ficção é tão necessário para criar (ou transfigurar) a realidade descrita como o autor que assina essa página. Ao correr da leitura, ele vai tirando de si mesmo, pormenores, resíduos de recordações depositadas no inconsciente, cheiros, cores, temperaturas. A capacidade de comunicação do escritor está, pois, na medida em que ele consegue traçar uma *paisagem* ao mesmo tempo larga e definida nas suas linhas essenciais (evocatórias) de molde a cêberem nela e a preencherem-na rapidamente os elementos da experiência do leitor, seleccionados ao ritmo literário da acção.

Qualquer atraso neste ritmo, qual-

quer demora na depuração automática dessas experiências armazenadas e, simultaneamente, na integração das mesmas na *paisagem* proposta, traduzem-se num empobrecimento da narrativa e representam uma *resistência* do leitor à verdade contada.

O problema de «para quem escreve um autor, a que extracto social se dirige e qual aquele donde provém» pode derivar-se daqui.

Mas isso seria alongar a questão. Por agora limito-me a lembrar isto que tantas vezes me tem ocorrido e preocupado, e que vem a ser a bizantina ideia de que temos facilidades a mais e leitores verdadeiramente conscientes a menos. Que tudo é fruto da ânsia de facilidade, do resolver para já, com desprezo inconsciente pelo dia de amanhã.

JOSÉ CARDOSO PIRES

